

INTRODUÇÃO

Os períodos de crise são momentos privilegiados para a análise econômica e política. A desaceleração econômica e a crise política que ocorrem no Brasil entre 1974 e 1978 constituem uma dessas situações especiais. Podemos então ver como interagem dialeticamente o plano econômico e o político em uma economia em que o Estado tem um papel fundamental. Por outro lado, na análise da crise política que domina o período, podemos ver com muito mais clareza como se relacionam as diversas classes sociais na medida em que o modelo político autoritário capitalista-tecnoburocrático entra em colapso. Na verdade assistimos ao colapso de uma aliança de classes, estabelecida em 1964, entre a burguesia local e a tecnoburocracia estatal, ambas associadas às empresas multinacionais.

Este livro é constituído pelos artigos por mim publicados desde 1974 até o primeiro semestre de 1978 em *Opinião*, *Jornal de Debates*, *Movimento*, *Última Hora* e principalmente na *Folha de S. Paulo*, além de alguns trabalhos inéditos. Não se trata de uma simples coletânea de artigos, na medida em que procurei analisar de forma relativamente sistemática o processo de desaceleração econômica e crise política que o país atravessa. Comecei examinando o fenômeno inicialmente

mais evidente: a desaceleração econômica que tem início em 1974. Depois de sete anos de “milagre” e de abundância, em que os lucros dos capitalistas e os ordenados da tecnoburocracia crescem de maneira extraordinária, ao mesmo tempo em que a taxa de acumulação de capital e o processo de endividamento internacional aumentam rapidamente, voltamos ao regime da escassez e a taxas de crescimento econômico muito menores. Analisei então as causas da desaceleração, relacionadas seja à modificação do panorama internacional, seja ao esgotamento do padrão de acumulação que tinha suas bases na expansão da indústria automobilística e na concentração de renda das camadas médias para cima, seja à política de intervenção do Governo para controlar as pressões inflacionárias e restabelecer o equilíbrio do balanço de pagamentos.

A desaceleração econômica somada a uma certa elevação da taxa de salários, ocorrida em 1975, após a derrota governamental nas eleições de novembro de 1974, irá provocar o que chamei de uma “redução relativa do excedente”. O excedente é representado no Brasil por lucros e ordenados. Quando desacelera-se a taxa de crescimento da renda por habitante ao mesmo tempo em que o total de salários por trabalhadores cresce ou pelo menos pára de baixar, é claro que se produz uma redução relativa da taxa de ordenados e da taxa de lucros. As eleições de 1974 já haviam sido o primeiro sintoma da crise política. A redução relativa do excedente irá se encarregar de desencadeá-la.

Começo a analisar a crise política ainda no primeiro semestre de 1975, quando examino a campanha da burguesia contra a estatização como um primeiro sinal do desejo da burguesia de redefinir o modelo político da qual participa visando ao aumento do seu próprio poder. Falava então em uma “fissura” da aliança entre a burguesia e a tecnoburocracia. No primeiro semestre de 1977, depois das medidas autoritárias e casuísticas do “pacote de abril”, a cissura se transforma em ruptura. A burguesia já não pleiteia uma simples suspensão do processo de estatização, mas propõe diretamente a redemocratização do país. Os artigos publicados a partir dessa data traduzem essa ruptura ou essa crise estrutural do modelo político autoritário brasileiro. Procuram também analisar de maneira sistemática o processo político em curso, não apenas

em função do interesse que cada assunto me despertava, mas também tendo em vista a publicação deste livro.

É óbvio que não se trata de uma ruptura definitiva. Conforme procurarei demonstrar, a crise política deverá culminar em um processo de redemocratização que será tanto mais radical quanto maior for a resistência da tecnoburocracia estatal no poder. Em seguida processar-se-á um rearranjo no pacto social vigente. A burguesia aumentará seu poder em detrimento da tecnoburocracia estatal, mas ambas permanecerão as classes dominantes. Simplesmente a burguesia, que continua a principal classe dominante, será também a principal classe dirigente. Os trabalhadores continuarão a classe dominada, mas sua participação política tenderá a aumentar, assim como os setores de esquerda ou mais genericamente os setores críticos da sociedade, situados entre os intelectuais, os estudantes e a Igreja, tenderão também a aumentar sua participação política. A passagem da burguesia à condição de classe dirigente não significa que os empresários irão, eles próprios, assumir a liderança política. Para isso eles sempre contaram e continuarão a contar com intelectuais orgânicos nos parlamentos, nos cargos políticos executivos principais, na universidade, na imprensa, na Igreja. O trabalho ideológico de dominação sempre é realizado por intelectuais em nome da classe dominante. O fato de os empresários não assumirem direta e abertamente a liderança do processo político de redemocratização não significa, portanto, que a nova tomada de posição da burguesia não seja o fato novo a determinar a crise política e a apontar no sentido da redemocratização do país.

Para a realização destes artigos quero agradecer em primeiro lugar a meus editores Fernando Gasparian, Octávio Frias de Oliveira e Raimundo Pereira, que publicaram os artigos originalmente. Não só seu apoio mas também sua coragem foram em certos momentos importantes para mim. Os primeiros artigos publicados na *Folha de S. Paulo*, por exemplo, antes foram recusados pela Censura, quando procurei publicá-los em *Opinião*.

Agradeço também aos amigos que me estimularam a escrevê-los e debateram comigo suas principais proposições, como Eduardo Matarazzo Suplicy, Antonio Angarita Silva,

Robert Cajado Nicol, Yoshiaki Nakano, Fernando Prestes Motta, Jorge da Cunha Lima, Plínio Arruda Sampaio, Orlando Figueiredo, Luiz Ferreira França, Sylvio Luiz Bresser Pereira, Fernão Carlos Botelho Bracher, Sonia Sawaya Bracher, Caio Graco Prado, Candido Sawaya Botelho Bracher, Sylvio Pereira e Vera Cecília Bresser Pereira. Tenho um agradecimento especial para com os jornalistas e estudantes com os quais, em entrevistas, debates, conferências, discuti todos os assuntos aqui tratados.